

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
10 e 19 de fevereiro de 2022

THE HARVEY GIRLS / 1946

(A Batalha do Pó de Arroz)

um filme de George Sidney

Realização: George Sidney / **Argumento:** Edmund Beloin, Nathaniel Curtis, Harry Crane, James O'Hanlon e Samson Raphaelson, segundo uma história original de Eleonore Griffin e William Rankin, baseada no romance "The Harvey Girls" de Samuel Hopkins Adams / **Diálogos Adicionais:** Kay Van Riper / **Fotografia:** George Folsey / **Efeitos Especiais:** Warren Newcombe / **Direção Artística:** Cedric Gibbons, William Ferrari / **Montagem:** Robert Akst / **Figurinos:** Irene, Helen Rose (mulheres), Valles (homens) / **Direção Musical:** Lennie Hayton / **Orquestrações:** Conrad Salinger / **Coreografia:** Robert Alton / **Maquilhagem:** Jack Dawn / **Canções:** "In the Valley (Where the Evening Sun Goes Down)", "Wait and See", "On the Atchinson, Topeka and the Santa Fe", "Oh, You Kid", "It's a Great Big World", "Swing Your Partner Round and Round", "The Wild, Wild West", "The Train Must Be Fed": músicas e letras de Johnny Mercer e Harry Warren / **Intérpretes:** Judy Garland (Susan Bradley), John Hodiak (Ned Trent), Ray Bolger (Chris Maule), Angela Lansbury (Em), Preston Foster (Juiz Sam Purvis), Virginia O'Brien (Alma), Kenny Baker (Terry O'halloran), Marjorie Main (Sonora Cassidy), Chill Wills (H.H. Hartsey), Selena Royle (Miss Bliss), Cyd Charisse (Deborah), Ruth Brady (Ethel), Jack Lambert (Marty Peters), Edward Earle (Jed Adams), Morris Ankrum (Reverendo Claggett), Wm. "Bill" Phillips (1º cowboy), Ben Carter (John Henry), Norman Leavitt (2º cowboy), Horace McNally ("Goldust" McClean), Catherine McLeod (Louise), Virginia Hunter (Jane), Ray Teal, Robert Emmett Connor (condutores), as "Harvey Girls": Shirley Patterson, Dorothy Tuttle, Meredyth Durrell, Eleonor Bailey, Dorothy Gilmore, Lucille Casey, Virginia Casey, Mary Mullen, Joan Carey, Ruth Merman. Cyd Charisse é dobrada nas canções por Marion Doenges; Angela Lansbury é dobrada nas canções por Virgínia Rees.

Produção: Arthur Freed, para a MGM / **Cópia:** DCP, cor, legendado eletronicamente em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** Janeiro de 1946 / **Estreia em Portugal:** Odeon e Palácio, em 21 de Maio de 1947.

O musical no cinema nunca mais foi o mesmo a partir do momento em que a MGM se aplicou ao género. Já tinham aparecido muitos outros grandes musicais, na RKO (com a dupla Fred Astaire-Ginger Rogers) e na Warner, com as surrealísticas feéries de Busby Berkeley. Agora, porém, o caso é outro. Já não se trata de construir fabulosos números de canto ou coreografia, mas de contar uma história onde a música se incorpore como mais um elemento. Apesar do pioneiro **Hallelujah** de King Vidor (1929), de **Showboat/Magnólia** de James Whale (1936), é com **The Wizard of Oz/O Feiticeiro de Oz**, de Victor Fleming (1939), que tudo começa, que a festa do musical tem início. Para isso contribuíram muitos nomes, entre compositores,

realizadores, actores e, "last but not the least", produtores. Um deles, que trabalhou praticamente sempre para a MGM, foi Arthur Freed (1894-1973)

Arthur Freed foi, a justo título, chamado de "rei da comédia musical cinematográfica". Além de compositor (lembram-se de "Singin' in the Rain" e de "You Are My Lucky Star" que apareceram pela primeira em **Hollywood Revue of 1929** e **Broadway Melody of 1936** antes de incluírem aquele que é considerado o maior musical de sempre, **Singin' in the Rain/Serenata à Chuva**, de Stanley Donen e Gene Kelly?), foi o mais importante produtor do género que a MGM teve e que tem o seu nome ligado aos maiores clássicos desde **The Wizard of Oz** onde já era produtor associado. Mas como senhor absoluto do género é só no ano seguinte, em 1940, que Arthur Freed se impõe, "recuperando" Busby Berkeley em **Strike Up the Band/O Rei da Alegria**. A partir de 1944 com o genial **Meet Me in St. Louis/ Não Há Como a Nossa Casa** de Vincent Minnelli, entra em cena o Technicolor para tornar mais deslumbrantes os filmes. Mas é também a altura em que as transformações porque passaram os musicais da Broadway começam a impor-se também no ecrã, com argumentos escritos tendo em conta a especificidade do género, ultrapassando deste modo a já cansada fórmula de melodias "encaixadas" nos filmes de forma mais ou menos aleatória. De **Meet Me in St. Louis** a **The Bells Are Ringing/A Menina dos Telefones** (1960), também de Minnelli, Freed "cria" uma série de obras primas que ainda hoje assombram o espectador, vindas da Broadway (**Brigadoon/A Lenda dos Beijos Perdidos**, mais uma vez de Minnelli) ou criadas directamente para o cinema (**The Pirate/O Pirata dos Meus Sonhos**, Minnelli again, **It's Always Fair Weather/Dançando nas Nuvens**, de Donen e Kelly, entre muitos outros. Estes últimos sofrem também a influência do que na Broadway se fazia, como é o caso deste magnífico **The Harvey Girls** que é, apesar disso, uma das obras menos conhecidas.

Quando **The Harvey Girls** entra em produção os palcos da Broadway tinham já assistido à revolução que fizera "Oklahoma!", de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II (que seria levado ao cinema em 1955 por Fred Zinnemann). A nova produção de Arthur Freed está bastante marcada por este musical, em particular na construção do argumento. História e música seguem uma linha sem cortes, com os diálogos e melodias encaixando-se uns nas outras de forma harmoniosa e contínua, sem se dar conta de "cortes" e sem quebra narrativa, e onde os bailados "nascem" da própria acção. Duas sequências são particularmente sugestivas. Primeiro aquela que tem lugar no comboio, onde várias melodias se "encaixam" umas nas outras num movimento ininterrupto e em que a coreografia mima o próprio movimento do comboio (é nesta sucessão que ouvimos a melodia que nesse ano ganhou o Oscar da Academia: "On the Atchinson, Topeka and the Santa Fé"). Depois a irresistível cena da valsa que culmina a festa e o baile antes do incêndio final.

Quando George Sidney é chamado para dirigir **The Harvey Girls** já tinha atrás de si uma carreira de quase dez anos na MGM, primeiro como "screen test director" (com centenas de trabalhos), de realizador de curtas metragens onde ganhou os dois Óscares da sua carreira (foi também realizador de uma das primeiras curtas metragens em três dimensões: **Third Dimensional Murder**) e tinha-se estreado na longa metragem em 1941 com **Free and Easy**, mas só dois anos depois dirige a sua primeira produção A, **Thousands Cheer/A Festa dos Ídolos**, produzido por Joe Pasternak, já um musical mas ainda dentro do estilo convencional. Logo a seguir vem o seu primeiro grande sucesso, **Bathing Beauty/Escola de Sereias**, uma produção de Jack Cummings. Foi após este filme que se deu o primeiro encontro de Sidney com Arthur Freed, quando o produtor lhe deu a direcção de **Ziegfeld Follies/As Mil Apoteoses de Ziegfeld**. As relações, porém não correram da melhor forma e Sidney abandonou o filme que, apesar de manter algum do seu trabalho, será assinado por

Minnelli (e por Charles Walters). Apesar dos diferendos entre Freed e Sidney, o produtor não hesitou em chamá-lo para a realização do seu novo projecto, **The Harvey Girls**, que Sidney toma em mãos após o trabalho de **Anchor Aweigh/Paixão de Marinheiro**. O sucesso do filme levaria o produtor a chamar de novo George Sidney quando se tratou de levar ao cinema uma comédia da Broadway com "background" semelhante (o western): **Annie Get Your Gun/A Rainha do Circo** (1949).

Se entre a produção musical da MGM da década de 40, **The Harvey Girls** foi um dos mais esquecidos, isso deve-se, em grande parte, ao elenco. De facto, do musical o filme apenas apresenta como vedeta o nome de Judy Garland. A quase estreada Cyd Charisse (este é o seu quarto filme, e o segundo musical, após a breve aparição em **Ziegfeld Follies**) não tinha ainda o prestígio que viria a alcançar, e Ray Bolger (o "Scarecrow" de **The Wizard of Oz**), apesar do talento, não era o que se podia chamar uma vedeta de cinema. Quanto aos restantes, eram praticamente figuras do "western" (John Hodyak, Preston Foster, Chill Wills). Estas características fazem de **The Harvey Girls** o filme mais insólito do género, e uma perfeita mistura do western com o musical, sendo, neste aspecto, mais conseguido que **Oklahoma!** (apesar das diferenças musicais) ou do que **Calamity Jane/Diabruras de Jane**, que David Butler faz, em 1953, com Doris Day. Talvez tenha sido esta mistura, bem conseguida, que tenha impedido **The Harvey Girls** de se afirmar como o grande musical que é, mas ela testemunha também da grande habilidade de Sidney para a mistura de géneros, ou melhor, para aproveitar métodos e estilos de um para outro. O que ele faz aqui na transposição do western para o musical, faz em **The Three Musketeers/Os 3 Mosqueteiros** e **Scaramouche**, transpondo métodos do musical para o "swashbuckler". Se os acontecimentos narrados no filme são fictícios, o fundo não o é. Uma legenda inicial destaca a origem: a actividade de Fred Harvey que acompanhou a expansão dos caminhos-de-ferro com uma rede de restaurantes nas estações principais, servidos pelas empregadas que ficaram conhecidas como as "Harvey Girls".

A título de curiosidade refira-se que Arthur Freed ordenou o corte de três números musicais que alongavam demasiado o filme. São eles "My Intuition", "Hayride" e "March of the Doagies". Este último, que se sucedia à luta entre Hodiak e Foster pode ser visto na antologia **That's Entertainment III**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico